

Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1985

Prezado amigo Roberto:

Tenho diante de meus olhos a sua carta de 23 de setembro último e, confesso, não sei como agradecer. Penso que o melhor seria dizer MUITO OBRIGADO e ponto final. Mas isso poderia parecer indelicadeza - e desse defeito eu não sofro, principalmente quando se trata de você.

Isso vem a propósito de uma antiga página de Monteiro Lobato, lida na meninice, que argumentava em favor da síntese absoluta e recomendava ao escritor que não descrevesse pormenorizadamente uma manhã de sol e suas belezas. Afirmasse, apenas:

- Soleja.

Apesar da palavra não constar no "Aurélio" dá muito bem para entender o pensamento de Lobato.

Por isso é que eu fico "engasgado" pela generosidade de sua carta e me sinto sem condições emocionais de oferecer uma resposta à altura. A final, como pau-de-arara em minha primeira cidadania, entendo bem mestre Graciliano Ramos que fala de meus irmãos sempre áridos, como a caatinga e a seca.

Por tudo isso, Roberto, a minha resposta à sua carta é apenas MUITO OBRIGADO. Ou melhor, a sua carta SOLEJA.

Um abraço amigo,